



Rodrigo Novaes de Almeida  
**THE TRINITY SESSIONS**

Inspirado pelo álbum homônimo de **COWBOY JUNKIES**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

**mojo**  
BOOKS

---

# THE TRINITY SESSIONS

RODRIGO NOVAES DE ALMEIDA

uma história inspirada por  
**THE TRINITY SESSIONS**  
COWBOY JUNKIES

---

SÃO PAULO, ABRIL DE 2009  
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY RODRIGO NOVAES DE ALMEIDA  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

---

# THE TRINITY SESSIONS

## RODRIGO NOVAES DE ALMEIDA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **MOJO FACTORY**

---



**PLAYLIST ORIGINAL  
DO ÁLBUM**

1. Mining for gold
2. Misguided angel
3. Blue moon revisited  
(Song for Elvis)
4. I Don't get it
5. I'm so lonesome i could cry
6. To love is to bury
7. 200 more miles
8. Dreaming my dreams with you
9. Working on a building
- 10 Sweet Jane
11. Postcard blues
12. Walkin' after midnight

---

**THE TRINITY SESSIONS**  
COWBOY JUNKIES

LANÇAMENTO: **1988**  
SELO: **RCA**

---



**A SAGA DE LUCIFERE**  
**RODRIGO NOVAES DE ALMEIDA**

# PARTE I

*Tornou-se Livia no primeiro dia. Olho d'água dentro de grotta. Farejar incessante. O diabo das coisas. Suas asas. Aquele olhar repousado em mim. Eram dela. Ela dentro de mim. Eu dentro do olho d'água de dentro de grotta. O seu olhar repousado. Eram dela as asas desde o primeiro dia, desde o primeiro dia de Livia quando Livia tornou-se o diabo das coisas, o diabo carnal das coisas. Porque fora o próprio Satã quem definira o certo e o errado das coisas. Repousado ali, o próprio Satã, naquele diabo carnal das coisas, agora prisioneiro de Livia, desde que Livia tornou-se Livia no primeiro dia.*

Uma vez, em Babel, eu escavava meus ídolos e conspirava contra a baixa e sórdida obra magna da criação. Contudo, eram os homens incapazes de serem transformados. Não puderam voar. Construímos a torre, mas nem os sábios puderam convencê-los de que a torre também deveria ser elevada dentro dos homens, de que também o voo se daria dentro e não unicamente fora. Então tomamos as suas mulheres e fizemos filhos nelas. Veio a guerra. E a Terra fora a nossa casa durante tantas eras e a conhecíamos tão bem que não foi difícil expulsarmos os mensageiros d'Aquele para além do véu negro celeste. O bombardeio em Dresden, ciclos de séculos no porvir, parecerá pouco. Multiplicava-se o efeito de milhares de bombas atômicas, assim eram os nossos escombros. Nossas armas, as Fúrias. Éramos deuses naquele interfluxo na

aurora dos homens. Devotávamos nossas preces a deuses ainda mais antigos e poderosos. Quanto mais percorrermos o caminho à origem, mais e mais poderosos serão os deuses, até a singularidade titânica, centelha primordial de todas as coisas, do diabo carnal das coisas investido em tudo de concebível em todos esses escoamentos de mundos, a derradeira piada.

— Que tal? Divertiu-se?

— Bebi todo o sangue que pude tomar como meu. Ainda tenho o gosto dele na boca. Estamos nos acostumando depressa. A carne investe seus poderes sem tréguas. Só um deus perverso seria capaz de criá-la. Miséria. Será a nossa ruína, Miguel.

— Pára com isso! Você começou a guerra. Você começou tudo, esqueceu? Violou as mulheres dos homens. Tentará o filho do homem um dia. Salvará a humanidade inteira quando Aquele se cansar de toda a perversidade. Para já com isso! Não esqueça o seu nome santo. Você é Lucifere.

— Porra, Miguel! Ela nascerá um dia também. Eu já farejo a sua presença. Ela me aprisionará e...

— Sabemos de tudo, e daí? Devemos nos divertir até lá. A matança hoje foi boa. Pratiquei atos dignos dos velhos deuses. Corrompi uma menina de oito anos...

— Basta, Miguel! Não quero saber. Não quero saber coisa alguma. Estou cansado. Você é um filho da puta miserável. É mais pervertido do que Aquele. Agora eu vou deitar este corpo em algum lugar. Manda os bastardos reconstruírem a torre, nem que levem mais cinco mil anos, quero a torre reconstruída.

— Sim, senhor! Bom descanso. E não pense em Livia.



## PARTE II

*Henrique nada disse. Beijou Rosário, deu-lhe um tapa na face esquerda, virou-a e penetrou seu rabo com violência. Em poucos minutos, tirou o pau fervendo daquele cu, puxou a cabeça de Rosário pelos cabelos, forçou com uma das mãos que abrisse a boca e despejou seu esperma lá dentro. Depois acendeu um cigarro, enquanto o corpo de Rosário jazia saciado no chão.*

Lívia tocava-se, deitada em sua cama. Lucifere observava aquele ser sem metafísica. Ela sabia que ele estava ali, embora não pudesse vê-lo. Estavam separados pelo tempo, cada qual numa dimensão que distavam Eras. A impossibilidade de possuir aquela mulher aumentava a cólera de Lucifere. Lívia era o seu objeto de desejo primevo. Os bastardos ainda levariam séculos para reconstruir a torre. Haveria uma nova guerra. Miguel continuaria a carnificina e os estupro de corpos. E Lívia, bem... Lívia gozava, gozava sabendo-se encarada pelo famigerado de muitos nomes. Mantinha-se na castidade masturbatória, pura como a Virgem Santa, puta como uma Rosário de seus delírios noturnos, em sua pulsão de martírio diante do olhar vermelho de Lucifere.

— Vejo que a contempla outra vez. — é a voz de Miguel atravessando as Eras.

— O que faz aqui? Veio me perturbar?

— Não, senhor. É urgente. Está para nascer um profeta, um tal de Jeremias.

O que devo fazer?

— O que deve fazer? Ora, Miguel, o que deve fazer?

— Sim. Veio mensagem d'Aquele. Ordenou que o senhor tentasse o pobre diabo de todas as formas. Vai desobedecer a ordem?

— Aquele filho da puta não presta. Verme maldito! — vociferou Lucifere.

— O que faremos?

— Faça o trabalho!

— Matar os filhos, estuprar as esposas e filhas — disse Miguel com escárnio nos lábios.

— O que mais você faz nessas terras imundas?

— Tudo bem. Farei o serviço...

— Fará o serviço com enorme prazer, sabemos muito bem. Agora vá!

— Vou. Mas não demore. Lembre-se de que é preciso retornar ao sentido da ação. Não pode, logo o prior do mundo, perder-se em devaneios — disse, desta vez soturnamente, Miguel, e completou, antes de ir embora, como se dissesse apenas para si: “esta mulher será, um dia, a ruína de todos nós.”.

## PARTE III

*A sua ausência dilacera.*

A dor permaneceu durante todos aqueles dias de setembro. Não era uma dor física, embora o seu corpo sofresse espasmos recorrentes. Lívia não dava notícias há dois meses e ele não conseguia mais ultrapassar o estádio de Eras para contemplá-la. A forma de Lívia dar notícias era o pensamento dela nele. A forma de ele contemplá-la era seguir o rastro do pensamento nela dela. Veio outubro, em marcha orgânica das terras do mundo, e a dor transformou-se em estuante desejo de possuí-la de acordo com a brutalidade da sua essência decaída. Mas Lívia parou de pensar nele. Ele perdera o contato, o rastro. Perguntava-se se novembro chegaria e teve um novo espasmo. Deitou-se.

— Estamos em guerra, porra! Eles voltaram. Desta vez trouxeram o Filho do Homem que há de ser crucificado um dia. O filho da puta é arrogante. Tomou para si o trono. Diz que é o novo rei — gritou Miguel, entrando na tenda ainda com a espada em punho e o rosto cheio do sangue daqueles que tomaram em batalha.- Rei? Ele se diz rei? Eu sou o Príncipe Absoluto. Eu sou o Primeiro.

— Sim, meu senhor! E jamais se proclamou rei...

Lucifere levantou-se. Os espasmos aumentaram. Cambaleou.

— O que foi? — perguntou Miguel.

— Nada.

— É ela, não? Lívia? Ela desapareceu...

— Não quero falar dela.

— Ela faz isso de propósito. Quando chegar o dia, eu mesmo a matarei.

— Miguel, se você fizer isso eu cuidarei que você sofra todo o mal que você cometeu nessas terras.

— Eu não a matarei, você sabe, mas não suporto vê-lo assim.

— Você é um babaca mesmo. Lambia o rabo d'Aquele todo tempo e agora quer lamber o meu também. Chega! Vamos à guerra. Onde está o reizinho arrogante? Quero falar com ele.

Saíram os dois. A noite estava clara. Eram milhares de fogueiras humanas. As legiões de Lucifere queimavam a terra novamente. O céu estava aberto. Uma fratura que saía de Sirius, cortava Aldebaran e terminava nas Plêiades. Arcanjos atravessavam a fenda na direção da torre. Tinham ordens para destruí-la.

— É ele, senhor. O da direita. Mata como o pai, mas é apenas um bastardo.

— Ele não é apenas um bastardo, Miguel. Você se engana.

— Sim. Como a sua Lívia? São humanos...

— Estou cansado de você. Lembre-se disso. Posso arrumar outros generais como você ou melhores.

— Duvido.

— Vou até lá.

— Vou com o senhor.

De repente um estrondo. A torre caiu por terra. Milhares dos bastardos foram soterrados. Miguel sorriu.

— Filho do Homem?! — bradou Lucifere.

— Irmão, há muito espero... — disse o Filho do Homem.

— Não somos irmãos — cortou Lucifere.

— Ora, ora. Por que sou um bastardo? Por que sou o deus humanado?!

— Você não nasceu ainda.

— Não nasci, de fato, ainda.

— E veio então sentir o gosto de sangue. — ironizou Miguel.

— Caro Miguel, o traidor. Como está?

— O que você quer? Vieram me contar que você se autoproclamou rei. — cortou outra vez Lucifere.

— Eu sou uma das três pessoas...

— A velha história da trindade. — interrompeu Miguel.

— Não reconheço o pai no filho, muito menos o filho no pai. — declarou Lucifere.

— E eu não acredito em fantasmas, muito menos santo, como esse tal de espírito santo outorgado... Lutaremos, enfim? — disse Miguel impaciente.

Silêncio. A fenda se fechou sem o soar dos clamores. Então Lívia pensou em Lucifere. E Lucifere tombou. O Filho do Homem sorriu. Miguel colocou-se entre os dois e perguntou:

— O que aconteceu?

— Leva seu senhor daqui e diga a ele que temos Lívia. Diga também para ele se preparar, porque o Filho do Homem nascerá um dia. Até breve, meu pobre Miguel.

## PARTE IV

*A última vez que eles se viram a paixão já não existia. Rosário voltou para casa e Henrique comeu um bocado de carne mal passada e succulenta para saciar a fome. Enquanto isso, era travada uma batalha entre Deus e o Diabo no deserto...*

— Onde está ela? Responda! — ordenou Miguel.

O Filho do Homem era agora humanado e sua carne sangrava. A tortura já durava quarenta dias.

— Ele não vai dizer, Miguel. — disse Lucifere.

— Josué, eu entrego o mundo para você e para o seu maldito pai. Apenas me diga onde ela está. É uma troca justa.

— Justa!? — vociferou Miguel. — Justa!? Abrir mão de tudo aquilo que conquistamos por causa daquela mulher!? Nunca!

— Cala a boca, Miguel! — ordenou o príncipe decaído.

E Miguel descontou sua revolta açoitando ainda mais o corpo humanado do Primogênito.

— Josué, seja razoável, embora o seu pai nunca tenha sido... Você não quer ver sua mulher, seus filhos, sua mãe e seus irmãos feridos. O tom era de ameaça na voz de Lucifere.

Um longo silêncio se abateu sobre a terra. O deserto era toda a terra. Então Josué, o Primogênito, o Filho do Homem humanado falou:

— Tolo, tomei para mim a mulher. Eu também a amava, Lucifere. E você nem a reconhece mais. Ela é a mãe dos meus filhos, é a minha esposa, Madalena.

Josué retornou do deserto e foi crucificado, como deveria ser. Sua família se perdeu no mundo. Miguel trocou de lado pela segunda vez. E Lucifere nunca mais pensou em Livia.

# APÓCRIFO

*“Depois disso, vi descer do céu outro anjo que tinha grande poder, e a terra foi iluminada por sua glória. Clamou em alta voz, dizendo: ‘Caiu, caiu Babilônia, a Grande. Tornou-se morada dos demônios, prisão dos espíritos imundos e das aves impuras e abomináveis.’” Apocalipse 18, 1-2*



## PARTE V

Não amanheceu naquele dia. O céu abortara o sol em feixes de luz ruborizados que deixaram veios abertos nos olhos cansados de Josué. Havia um perfume agridoce no ar que causava ânsia de vômito. O mundo acabaria em setenta e duas horas e já havia passado um dia desde o anúncio do fim. Restavam dois dias e Josué precisava empalar os diabos remanescentes do mundo.

— Dois dias. Céus!

— Eles assim determinaram. Será uma morte diferente, não tenha medo!

— Não tenho. Você sabe.

— Será melhor para todos...

— Será?

— Ainda duvida?

— Já não sei. Esperava muito mais.

— Você sempre espera muito mais. De uma forma ou de outra, não importa.

— Desta vez era para ser... Estou confuso. E esse gosto de sangue...

— Bom. Você deve matar todos os diabos dessas terras, ou não haverá salvação para os seus.

— Dois dias?!

— Dois dias.

- Haverá resposta?
- Não há como saber.
- E se não houver?
- Todos morrerão também.
- Mas... Miguel, como Eles serão capazes de fazer tudo isso?
- Ora, Josué, muito tempo passou. Você mudou de nome, deixou de ser Lucifere. Pediu para vir para cá humanado como o Filho do Homem fizera um dia. Você queria Lívia. E você veio encontrar Lívia. Agora coloca tudo a perder. Perpetuamos a paz com Eles como você quis. Esse mundo já foi nosso, lembra?
- Ela não me procurará em dois dias, não mais.
- Então morrerão todos. Sinto muito, meu bom e velho amigo.
- Eles deveriam ao menos poupar as mulheres e as crianças.
- Não dá mais!
- E a Nossa Mãe? Eu apelo à sua misericórdia incondicional.
- Ah! Vejo que se tornou mesmo humano. Fraco e tolo, apesar das eras percorridas e de toda a sabedoria imanente. Podre Lucifere, pobre Josué. Dois dias! Nenhum mais!
- E se...
- E se?! Neste caso, homem, não pense mais em Lívia.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)